



O CORPO NA MODERNIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE E O CONSUMO

Andréia da Silva Bez *

Resumo: O propósito deste ensaio é refletir sobre o corpo enquanto manifestação da identidade em relação ao consumo e à modernidade. O corpo constitui-se como biológico, mas a sua dinâmica se insere no social. Suas extensões tais como vestimentas, acessórios, adornos, modificações estéticas, configuram-se como uma necessidade de demarcação da diferença. Em função dos ideais da sociedade moderna são seguidos padrões, dificilmente atingíveis e o corpo tornou-se mais uma mercadoria a ser explorada. Novas necessidades são criadas sucessivamente, e por fim, o indivíduo torna-se refém de seu próprio corpo, e diante dos excessos, carências, e faltas o corpo entra em colapso. Por fim, relaciona-se aos aspectos sociais envolvidos nos transtornos alimentares, especificamente a bulimia e a anorexia, delineando a necessidade de estudos culturais que explorem esses aspectos de maneira interdisciplinar.

Palavras-chave: Corpo. Identidade. Modernidade.

Resumen: El propósito de este ensayo es reflexionar sobre el cuerpo como una manifestación de la identidad en relación al consumo y a la modernidad. El cuerpo está constituido como biológico, pero su dinámica está dentro de lo social. Sus extensiones, tales como ropa, adornos, modificaciones estéticas se configuran como una necesidad de demarcar la diferencia. Dependiendo del ideal de la sociedad moderna se siguen las normas, dificilmente alcanzables y el cuerpo acaba convirtiéndose en una mercancía para ser explotada. Nuevas necesidades se crean sucesivamente y, finalmente, el individuo se vuelve un rehén de su propio cuerpo, y ante los excesos, carencias y faltas, ocurre un colapso con el cuerpo. Por último, se refiere a los aspectos sociales de los trastornos de la alimentación, especialmente la anorexia y la bulimia, destacando la necesidad de estudios culturales para explorar estas cuestiones de forma interdisciplinar.

Palabras clave: Cuerpo. Identidad. Modernidad.

* IFC-Sombrio/ UNISUL
Psicóloga
Doutoranda em Ciências da Linguagem pela
UNISUL
Email: andreiabez@yahoo.com.br



REVISTA
MEMORARE


www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

*[...] Onde terei jogado fora
Meu gosto e capacidade de escolher,
Minhas idiossincrasias tão pessoais,
Tão minhas que no rosto se espelhavam
E cada gesto, cada olhar
Cada vinco da roupa
Sou gravado de forma universal,
Saio da estamperia, não de casa,
Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo dos outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.*

Carlos Drummond de Andrade

Quem sou eu? Uma pergunta certamente complexa, que exige minimamente uma boa reflexão, especialmente nessa época em que as mudanças a nossa volta ocorrem em alta velocidade. Nesse ritmo acelerado, refletir sobre como construímos a nossa identidade é algo desafiador, como apresentado no excerto do texto “Eu etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade. Nessa perspectiva, corpo e identidade estão permeados pelo consumo e as escolhas nesse meio são muitas.

Para Bauman (2012), ter uma identidade é uma necessidade universal, conferindo significado ao “eu”. O “nós” é a garantia de pertencimento e de aceitação. Esse “nós” é o espaço seguro, é o local onde o “eu” pode descansar. Werneck (2008) define identidade em uma perspectiva filosófica, como aquilo que caracteriza o indivíduo e que diz o que ele é. Por sua vez, em uma perspectiva sociológica, é definido como algo mutável e variável em cada época. Para Hall (2002), a identidade pode ser tomada como um processo em constante formação, portanto, sempre incompleta e inacabada. Isso se deve ao fato do indivíduo estar sempre em busca do preenchimento de suas necessidades, de valores que se identifica. Ou seja, na busca daquilo que se imagina ser exteriorizado aos outros.

Nesse sentido, o corpo tem um papel de destaque pelas possibilidades de estabelecer uma relação de alteridade entre as identidades individuais e coletivas.



Entretanto, o que pode ser entendido como corpo? Pode-se pensar primeiramente em um corpo herdado biologicamente, mas isso não é suficiente para a compreensão dele enquanto constituinte de uma identidade. Conforme Canton (2009, p. 35), as “tatuagens, *piercings*, maquiagem, cirurgias plásticas, escarificação, pinturas, queimaduras (*branding*), além de vestimentas e adornos corporais [...]” constituem-se em formas de construir a relação de identidade e alteridade por meio do corpo.

De acordo com Bauman (2012, p. 25), a cultura pode ser comparada a um posto de abastecimento do sistema social “[...] ao penetrar nos ‘sistemas de personalidade’, no curso dos esforços de manutenção de padrões [...]”. Assim, a cultura funciona ao mesmo tempo como fábrica e abrigo da identidade e, dessa forma, incorpora a visão moderna da condição humana.

Ao refletirmos sobre o corpo nas relações sociais, amplia-se a compreensão de uma identidade que é individual, mas constitui-se em coletividade, na qual o corpo só se faz corpo pela relação com outro corpo, pela demarcação da diferença. O que merece ser destacado são as maneiras pelas quais os indivíduos buscam essa identidade, e o espaço que o consumo encontrou para transformar o corpo em mercadoria. Nessa perspectiva, podemos relacionar esse processo de transformação do corpo em mercadoria ao conceito de modernidade líquida de Bauman.

O truque é manter o ritmo com as ondas. Se não quiser afundar, mantenha-se surfando – e isso significa mudar o guarda-roupa, o mobiliário, o papel de parede, o olhar, os hábitos, em suma, você mesmo, quantas vezes puder. Eu não precisaria acrescentar, uma vez que isso deva ser óbvio, que essa ênfase em eliminar as coisas – abandonando-as, livrando-se delas –, mais que sua apropriação, ajusta-se bem à lógica de uma economia orientada para o consumidor. Ter pessoas que se fixem em roupas, computadores, móveis ou cosméticos de ontem seria desastroso para a economia, cuja principal preocupação, e cuja condição *sine qua non* de sobrevivência, é uma rápida aceleração de produtos comprados e vendidos, em que a rápida eliminação dos resíduos se tornou a vanguarda da indústria. (BAUMAN, 2016, p. 1).

Diante dessas considerações, parte-se do princípio de que as mudanças econômicas e sociais no cenário mundial, especialmente advindas dessa modernidade líquida, apresentam reflexos tanto na cultura alimentar, quanto na construção de uma identidade corporal. Consequentemente, isso tudo gera efeitos sobre a saúde física e psicológica do indivíduo e essas reflexões orientam o andamento dessa pesquisa.

2. O corpo perfeito: um ideal possível na sociedade do consumo?

Com o avanço da industrialização no final do século XIX e de novas relações de trabalho em função do capitalismo, enfatiza-se um novo estilo de vida permeado pelo consumo e lazer. Segundo Bauman (2001), nesse mundo cercado pelo consumo as possibilidades são infinitas e inesgotáveis, de modo que a infelicidade se dá pelo excesso de opções e não pela falta do que escolher.

Os confortos advindos do crescimento econômico, das modernizações tecnológicas, a valorização da imagem de um corpo perfeito e a globalização dos *fast food* conduz a uma triste contradição. De um lado, um padrão de beleza marcado pela forma física e os músculos esculpido; e de outro, um problema epidêmico de saúde, o excesso de peso e a obesidade. A partir desses novos hábitos e valores, atribui-se ao indivíduo a responsabilidade pela plasticidade de seu corpo.

As formas físicas e a aparência estética ganham em cada período um manual bem delimitado do que deve ser alcançado: em síntese, a perfeição. A mídia é a encarregada de levar aos indivíduos, das mais diversas maneiras, a representação desse corpo perfeito e supostamente acessível. Esse corpo perfeito é algo inatingível, pois as necessidades⁷ a serem supridas são norteadas pelo consumo, e este é “insaciável”.

Para Silva (2010), os processos culturais estão diretamente vinculados às relações sociais. A cultura é um local de diferença e de luta social. Assim, está envolvida com o poder e contribui para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e grupos sociais, bem como de definir e de satisfazer as suas necessidades.

Diante das infinitas e indefinidas possibilidades, as normas de saúde também se encontram fragilizadas na sociedade do consumo. A definição do que é normal ou patológico está cada vez mais nebuloso. Os motivos para uma intervenção médica ou o uso indiscriminado de terapias para manter a jovialidade e atingir os ideais de beleza são legitimados neste cenário (BAUMAN, 2001).

Para Haug (1997, p. 56) a “fetichização da juventude e a obrigatoriedade de ser jovem têm uma de suas causas na inovação estética, e são apenas uma expressão e uma

⁷ Bauman (2001) trabalha com a noção de desejo ao invés de necessidade, pois entende o mesmo como uma entidade mais volátil, um motivo autogerado que não precisa de justificação. O desejo trouxe o vício do consumidor, mas também não é mais suficiente, sendo substituído pelo imediatismo do “querer”.



técnica de desvio numa situação na qual as relações de produção se tornaram amarras incisivas para as forças produtivas”. Nesse cenário, o autor destaca o impacto e a presença da produção e da reprodução capitalista sobre a criação e o consumo intelectual e estético.

Neste contexto, corroborando com Kemp (2005), as pessoas podem ser entendidas como personagens de uma encenação social, na qual o corpo seria construído de acordo com o cenário. Conforme as condições do cenário, escolhem-se qual a modificação corporal suprirá as expectativas de uma melhor interação com o meio. Em síntese, o corpo comunica a nossa experiência social e cultural em uma sociedade líquida em que o valores, padrões e crenças não se fixam, mas fluem.

A imagem de capa do livro *Corpos Mutantes* é uma possibilidade de representar esse corpo fragmentado por tantos desejos, pressões, aspirações da sociedade do consumo:

Figura 1 – Corpos Mutantes.



Fonte: Goellner e Couto (2009).

A busca de um corpo ideal que deve corresponder a um simulacro do belo não limita esforços para ser alcançado. Entretanto, como se trata de um ideal em constantes mudanças, sujeito a diferentes amarras presentes na sociedade espetacularizada, esse corpo ideal será sempre inatingível.

O exemplo de Jane Fonda, apresentado por Bauman (2001, p. 79), pode ser tomado para visualizar essa relação entre o corpo e o valor que ele assume na modernidade:

A mensagem de Fonda para toda mulher é que trate seu corpo como sua propriedade (*meu sangue, minhas entranhas*), seu próprio produto e, acima de tudo, sua própria *responsabilidade* [...] O lado inverso da mensagem também não é ambíguo, ainda que não soletrado com a mesma clareza: você *deve* a seu corpo cuidado, e se negligenciar esse dever, você deve sentir-se culpada e envergonhada. Imperfeições de *seu* corpo são *sua* culpa e vergonha. Mas a redenção do pecado está ao alcance das mãos da pecadora, e só de suas mãos.

Na sociedade ocidental, as modificações corporais por meio de cirurgias plásticas destacam a plasticidade que o corpo assumiu para o indivíduo e para as decisões consentidas sobre ele. Além disso, permite relacionar identidade, corpo e consumo, e como estes estão continuamente influenciados um pelo outro, de maneira a interferir nas decisões dos indivíduos.

E, nesse movimento, o corpo, o meio de manifestação da identidade e da alteridade, na busca de sua afirmação e de um suposto equilíbrio, adoece. Esse adoecimento ocorre ora pelo excesso, ora pela carência, ora pela falta. Essas características são bem comuns em uma condição médica geral como a obesidade (até mesmo a desnutrição), ou ainda, nos transtornos alimentares, na qual destaco a anorexia e a bulimia.

3. E o corpo adoece: os excessos, as carências e as faltas

Os hábitos e os valores em torno do corpo estão sendo modificados. Essas alterações são, frequentemente, o resultado de mudanças ambientais e sociais relacionados ao desenvolvimento, à globalização e a própria modernidade. Conforme Bauman (2016), isso nos possibilita falar em uma modernidade que é líquida, que não se consegue acompanhar pela sua constante transformação em função do consumo, do ser humano enquanto mercadoria.



Para Morgan e Azevedo (1998), em uma perspectiva antropológica, é possível perceber que o modo como os indivíduos se relacionam com a comida e o corpo são importantes metáforas de sua identidade. Revelam e são carregados de significados culturalmente construídos, que se transformam ao longo da história.

No meio clínico, em uma abordagem psicológica biopsicossocial, encontramos a definição dos transtornos alimentares ou transtornos do comportamento alimentar. A etiologia dos transtornos alimentares não apresenta uma causa única, acredita-se em um modelo multifatorial como causador, com contribuições de fatores biológicos, genéticos, psicológicos, socioculturais e familiares.

Para Domínguez e Rodríguez (2005), um transtorno no comportamento alimentar refere-se à existência de um hábito alimentar inadequado ou desejo excessivo de emagrecer. Isso pode estar relacionado a desequilíbrios emocionais, transtornos da personalidade, distorções perceptivas, pensamentos obsessivos, autoavaliações negativas, caracterizando a complexidade do transtorno.

O Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV- TR, 2002), apresenta duas categorias de transtornos alimentares com diagnósticos específicos: a anorexia nervosa e a bulimia nervosa. A primeira caracteriza-se pela recusa em manter o peso corporal em uma faixa normal mínima considerada saudável. A segunda refere-se a compulsão alimentar seguida de comportamentos compensatórios inadequados para manter o peso (laxantes, diuréticos, vômitos, atividades físicas excessivas).

Na anorexia, o DSM-IV -TR apresenta características específicas da cultura, (prevalência maior em sociedades industrializadas, onde a abundância de alimentos), da idade (raramente inicia antes da puberdade); e de gênero (no tocante as mulheres, ser atraente, está relacionada à magreza; mais comum nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Europa, Nova Zelândia, Japão e África do Sul). Além disso, fatores culturais podem influenciar as manifestações do transtorno.

Chama atenção que nos estudos sistematizados sobre anorexia, indivíduos que emigraram de culturas nos quais o transtorno é considerado raro, para culturas onde o mesmo é mais predominante, podem desenvolver a anorexia na medida em que assimilam os ideais de elegância ligados a magreza.

No que se refere à bulimia nervosa, ela apresenta características de cultura, idade e gêneros semelhantes aos achados na anorexia. Destaca-se que em estudos realizados



nos Estado Unidos, os indivíduos com esses transtornos eram principalmente brancos, mas também foi encontrado em outros grupos étnicos. Em amostras clínicas, em torno de 90% dos acometidos pelos transtornos são mulheres adolescentes e adultas jovens. (DSM-IV- TR, 2002).

No que se tange aos aspectos socioculturais dos transtornos alimentares e aos significados que esses transtornos adquirem nas sociedades atuais, a Oitava Conferência Internacional em Transtornos Alimentares realizada em Nova York em 1998 apresentou uma revisão crítica sobre a ocidentalização e síndromes ligadas à cultura ocidental, a preocupação com gordura, influências da mídia, diferenças de gênero, problemas metodológicos e diferenças no acesso ao tratamento. Em síntese, esses aspectos devem ser ponto de partida para uma análise mais profunda da interação entre indivíduo, corpo, psicopatologia e sociedade. (MORGAN, AZEVEDO, 1998).

Os participantes da conferência sugerem que os estudos sobre os transtornos alimentares busquem inspiração nas ciências sociais. Além disso, que se procure entender os transtornos alimentares em relação à modernização, e não apenas a ocidentalização. A ideia de que os transtornos alimentares são síndromes ligadas à cultura ocidental, baseava-se apenas em dados que mostravam um aumento nas últimas décadas e sua maior prevalência nas sociedades ocidentais de primeiro mundo.

O processo de modernização em que está submerso a sociedade é um dos principais focos que se deve levar em conta, pois implicam em profundas transformações sociais que, por sua vez, afetam diferentemente mulheres e homens. Os estudos realizados especificamente em relação às mulheres apontam que as mudanças de *status* econômico são acompanhadas de várias outras que afetam enormemente o seu papel social, conseqüentemente, na relação que estabelecem com o seu corpo, a sua identidade corporal.

A mídia, por sua vez, deve ser tomada não apenas como um meio que propaga os ideais de corpo e beleza vigentes, mas que permite a globalização, processo este que dilui as fronteiras nacionais. Além do mais, esse processo por si mesmo pode originar um sentimento de confusão cultural, que leva a maneiras até mesmo doentias de busca de uma afirmação da identidade.

Em estudos que investigaram a associação entre urbanização e aspectos culturais com transtornos alimentares, os achados mostram que a incidência de anorexia nervosa



é relativamente estável e independente do nível de urbanização da região. Enquanto, a bulimia nervosa tem incidência diretamente proporcional ao grau de urbanização, chegando a ser aproximadamente seis vezes maior nas cidades do que nas áreas rurais. Os fatores culturais são possivelmente mais importantes como fatores mantenedores dos transtornos alimentares do que como fatores etiológicos. (MORGAN; AZEVEDO, 1998).

Desse modo, entende-se que os aspectos socioculturais em si mesmos não determinam o desenvolvimento dos transtornos alimentares, mas os dados sugerem que esses aspectos exercem diferentes níveis de influência, sendo esta possivelmente maior para a bulimia do que para a anorexia nervosa. A etiologia destes transtornos é multifatorial e engloba predisposições biológicas, psicológicas e familiares, assim como eventos desencadeantes e precipitantes. Pode-se pensar que a cultura favorece, cria as condições e fornece o veículo para a expressão desta convergência de fatores. (MORGAN; AZEVEDO, 1998).

Com fundamento em Silva (2010), entende-se que estudos culturais em torno da compreensão dos transtornos alimentares sobre a ótica dos aspectos socioculturais, permitirá uma melhor contextualização da modernidade e da globalização na suas relações com esses transtornos. Ou seja, estudos culturais podem contribuir para a compreensão dessas relações entre corpo, identidade, consumo e modernidade líquida.

4. Considerações Finais

Diante dessa breve caracterização dos aspectos sociais e culturais envolvidos nos transtornos alimentares, é compreensível que o corpo ideal e as pressões sociais consistam em valores pregados pela sociedade do consumo, atuando ilusoriamente como sinônimos de bem-estar físico e psicológico. Ao analisar como esse processo ocorre, percebe-se que o corpo se tornou uma mercadoria, e como tal, entra em colapso, levando a uma busca doentia de aceitação e de pertencimento.

O consumo está sutilmente ou descaradamente presente no contexto das relações sociais, na forma dos desejos, das aspirações, nos estilos de vida que acabam sendo canalizados por uma identidade individual e coletiva. Todavia, não está em sintonia com a construção do bem-estar do indivíduo, mas com a busca frenética pelo ter, pelo querer.



A mercantilização do corpo levou ou a um narcisismo doentio, ou a um total abandono e descaso com o corpo. É preciso resgatar o indivíduo, a sua identidade como “eu” e não como “coisa”. Em suma, é necessário resgatar o eu, o “ser” que se perdeu no “ter”.

Nesse sentido, estudos culturais interdisciplinares em torno dessa temática podem contribuir para o desvelamento dessas significações. Além disso, podem possibilitar um maior campo de compreensão dos transtornos alimentares em relação às mudanças sociais e econômicas da sociedade moderna.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Eu Etiqueta**. Disponível em:

<<http://pensador.uol.com.br/frase/MjAyODM0/>>. Acesso em: 4 dez. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Entrevista - Zygmunt Bauman**. Disponível em:

<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-zygmunt-bauman/>>. Acesso em: 15 de jun. 2016.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANTON, Kátia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Martinsfontes, 2009.

DOMÍNGUEZ, Silvia Moreno, RODRÍGUEZ, Sonia Villar. Características clínicas e tratamento dos transtornos do comportamento alimentar. In: CABALLO, Vicente E., & SIMON, Miguel Ángel. **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: transtornos gerais**. São Paulo: Santos, 2005.

DSM-IV-TR. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre; COUTO, Edvaldo Souza. **Corpus Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: PP&A, 2002.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Unesp, 1997.

KEMP, Kenia. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

MORGAN, Christina M.; AZEVEDO, Angélica M. Claudino de. **Transtornos Alimentares e Cultura: Notas sobre a Oitava Conferência em Transtornos Alimentares**



- New York, 1998. Julho de 1998 - Vol.3 - Nº 7. Disponível em:
<<http://www.polbr.med.br/ano98/tralimen.php>>. Acesso em: 4 dez. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4 Ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010.

WERNECK, Vera Rudge. Uma avaliação sobre a relação multiculturalismo e educação.
Ensaio: Aval. Pol.Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.16. n.60. p.413-436, jul./set. 2008.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000300006>. Acesso em: 4 dez. 2013.

Recebido em: 27/04/16. Aprovado em: 14/06/16.